

# Dívida <sup>publica</sup> interna pode levar à hiperinflação, alertam economistas

por José Casado  
de São Paulo

A retomada da economia brasileira passa, necessariamente, pela negociação de melhores condições para o pagamento da dívida externa e, sobretudo, pela resolução do problema financeiro interno.

"Sem procurar soluções adequadas para a questão da dívida interna, o próximo governo corre o risco de promover uma retomada econômica que não tem auto-sustentação e, mais ainda, poderá criar condições para uma hiperinflação", observa o economista João Manuel Cardoso de Mello, da Universidade de Campinas (Unicamp).

A negociação com os credores, diz ele, deve obedecer a princípios claros como a capacidade real de pagamento e a fixação de uma taxa razoável de crescimento econômico para o País. O empresário Abílio dos Santos Diniz, diretor-superintendente do grupo Pão de Açúcar, não vê muitos problemas nessa negociação com os credores, "para se assegurar um mínimo de 7% de crescimento ao ano, que é o necessário".

As limitações são muitas, contrapõe Adroaldo Moura da Silva, da Universidade de São Paulo: "Por um lado, não há indício concreto nenhum de que será viável realizar uma negociação ampla e irrestrita



**João Manuel Cardoso de Mello**

como seria desejável; por outro, há que se determinar quem vai pagar o preço do acerto da dívida interna, que é fundamental para a montagem de qualquer programa de retomada econômica".

"Assim como a democracia significa a contagem de votos, ela também, significa disponibilidade de recursos para financiamento da produção crescente que se deseja ter", complementa o economista Paulo Rabello de Castro, da Fundação Getúlio Vargas, do Rio: "E sobre isso, até agora, nem o atual governo nem os candidatos que aí estão pretendendo sucedê-lo na gestão do País, deram qualquer sinal lógico, em bases realistas, de como será o futuro do País, a partir de 1985".